CANA-DE-AÇÚCAR

O VALOR DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE AÇÚCAR NO CORRENTE ANO PODERÁ SUPERAR LIGEIRAMENTE OS US$ 550 MILHÕES. ESTE RESULTADO CARACTERIZARÁ 1982 COMO UM PERÍODO ALTAMENTE GRAVOSO, POIS O CUSTO INTERNO DE PRODUÇÃO ESTÁ CALCULADO EM US$ 350/t E O SUBSÍDIO À EXPORTAÇÃO SERÁ DE US$ 150/t. TAMBÉM NÃO É BOA A SITUAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE ÁLCOOL.

As metas de produção de açúcar e álcool, programadas pelo Plano de Safra 1982/83, poderão ser ultrapassadas, em virtude do predomínio de condições climáticas favoráveis nas principais áreas canavieiras.

A safra na região Centro-Sul, que teve seu início no mês de maio, já se encontra em uma fase avançada de corte e processamento. Conforme pode ser constatado no Quadro 1, caberá ao estado de São Paulo uma participação de 74% na produção de açúcar e de 83% na produção de álcool da região. Caso se confirme a projeção do Plano de Safra para este estado, a produção de açúcar ultrapassará em 12% o resultado final da safra passada. Quanto ao álcool, sua produção deverá ser 26% superior ao obtido na temporada anterior.

A região Norte-Nordeste, pelo fato de ter o início de sua safra em setembro, ainda não apresenta resultados significativos. Observa-se pelo Plano de Safras, que o estado de Alagoas deverá tornar-se o principal produtor de açúcar da região, ultrapassando em 12% o volume total produzido no período anterior. Também no que diz respeito à produção de álcool, Alagoas predomina, com uma meta de produção que sobrepuja em 10% a safra passada e representa 49% da produção programada para a região. Já o estado de Pernambuco tem uma produção esperada de açúcar superior em 10% ao resultado final da última safra, enquanto que, em relação ao álcool, deverá atingir um volume 3% acima do obtido no período 1981/82.

Na região Nordeste, a seca do ano passado não acarretou muitas dificuldades para a atual safra, salvo o desestímulo causado aos produtores para a adubação da cana. Isto porque as chuvas que vêm ocorrendo na Zona da Mata, desde maio, propiciaram um grande desenvolvimento da cultura. Assim, a produtividade agrícola deverá apresentar uma recuperação em relação ao ano anterior. O rendimento industrial, por sua vez, será prejudicado pelo excesso de chuvas, já que estas atrasaram a colheita, e provocaram a redução do teor de sacarose. Não deverá ocorrer, também, uma expansão de área significativa, tendo em vista as atuais dificuldades financeiras para a implementação de novos empreendimentos e o próprio desincentivo ocasionado pela seca da temporada anterior. Desta forma, a expansão da área será observada somente

nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas, em função da implantação de novas destilarias de álcool.

Na região Centro-Sul, os efeitos das geadas que atingiram as plantações de cana em São Paulo, Minas Gerais e Paraná no inverno passado, também foram atenuados pela subseqüente melhoria climática. Ainda assim, deverá registrar-se uma queda da produtividade agrícola em algumas regiões produtoras de São Paulo, como é o caso da Alta Mogiana, onde está previsto um declínio de até 15% no rendimento. Por outro lado, as chuvas que se fizeram abundantes em São Paulo até junho, embora favorecendo o crescimento do canavial, dificultaram a colheita no início da safra, prejudicando em alguma medida o desempenho industrial. No Rio de Janeiro, o clima mostrou-se mais estável do que em anos anteriores, quando a lavoura foi fortemente atingida por prolongadas estiagens, seguidas de fortes chuvas. Desde outubro do ano passado têm ocorrido chuvas bem distribuídas, assim como uma insolação favorável ao desenvolvimento da cultura. Nestas condições, será possível ao estado cumprir suas quotas de produção de açúcar e álcool.

Com exceção do crescimento de área que vem ocorrendo no noroeste do Paraná e no oeste de São Paulo, com a implantação de destilarias autônomas, a região Centro-Sul não apresentará uma maior expansão de seus canaviais.

A situação de aperto monetário do país e as dificuldades oriundas da conjuntura baixista dos preços no mercado internacional, que levaram ao esgotamento dos recursos do Fundo Especial de Exportação do açúcar, vêm contribuindo para o agravamento da crise econômico-financeira da agroindústria canavieira.

Cabe ressaltar que, na atual safra, manifestaram-se três grandes problemas, que poderão perturbar o desempenho, até aqui satisfatório, da lavoura. O primeiro deles diz respeito aos preços pagos aos produtores de cana, açúcar e álcool. Ao contrário do ano passado, quando os preços, em alguma medida, corresponderam à expectativa dos fornecedores e usineiros, neste ano, foram fixados em níveis bastante inferiores aos reivindicados por estes setores. A questão assume maior gravidade, uma vez que já se torna perceptível a menor utilização de fertilizantes e de mecanização. Em Pernambuco, onde a cana é responsável pelo consumo de 85% dos fertilizantes importados pelo estado, de janeiro a julho deste ano registrou-se um decréscimo de 26% na aquisição destes insumos. Deve-se ainda assinalar que a região Centro-Sul, que iniciou sua safra na segunda quinzena de maio, foi prejudicada pelo atraso na liberação dos novos preços.

Um segundo problema refere-se às limitações impostas ao financiamento da safra. Além das restrições à concessão de crédito para investimento

QUADRO 1

AÇÚCAR — Brasil e Principais Estados Produtores — Produção Autorizada

	Açúcar (t)	Álcool (m^3)
Norte-Nordeste	3.120.000	876.700
Pernambuco	1.330.000	260.050
Alagoas	1.331.856	430.000
Centro-Sul	5.880.000	4.323.000
Minas Gerais	542.000	175.000
Rio de Janeiro	605.200	170.500
São Paulo	4.379.800	3.570.600
Paraná	202.000	250.000
Brasil	9.000.000	5.200.000

FONTE: IAA.

e da própria elevação dos custos financeiros, destaca-se, no caso da indústria do açúcar e do álcool, a fixação de novos limites para o financiamento de estoques (**warrantagem**) que, no Nordeste, foram reduzidos de 70 para 60% e, no Centro-Sul, de 50 para 35%. Tal medida significa uma menor liquidez para o setor que, pelas características próprias de sua atividade, produz em seis meses, mas comercializa durante todo o ano.

Em terceiro lugar, situa-se um bloco de dificuldades, ou seja, os diversos problemas de fluxo de caixa que vêm atingindo os produtores. Tal situação tem como origem atrasos da rede bancária no cumprimento de seus compromissos financeiros, bem como as repercussões de medidas restritivas de crédito sobre determinados setores, que acabam por repassá-las ao conjunto dos produtores. Em São Paulo, por exemplo, foi instituído um regime de pagamento das usinas aos fornecedores, em que 75% da cana-de-açúcar entregue deveriam ser pagos em trinta dias. O restante seria pago por duas Promissórias Rurais em fevereiro e março de 1983. Entretanto, com o atraso do Banco do Brasil na liberação do montante de recursos projetado, bem como com a demora do pagamento pelo IAA do açúcar de exportação, as usinas viram-se impossibilitadas de cumprirem as normas estabelecidas. Ainda que a situação venha-se normalizando, tal fato gerou uma reação em cadeia, atrasando inclusive, em algumas áreas, a remuneração dos trabalhadores envolvidos no corte de cana.

O aprofundamento da crise econômica que atravessa a agroindústria canavieira vem exigindo redefinições na política do setor, que compatibilizem efetivas medidas de apoio com a austeridade que requer a atual situação orçamentária do país. Um exemplo desta prática foi a contratação pelo IAA de um empréstimo no exterior, de US$ 165 milhões, para o reescalonamento das dívidas das usinas do Norte Fluminense.

A gerência do Programa do Álcool, nestas circunstâncias, adquire, também, um especial significado. A partir da recuperação da demanda pelo álcool, no início deste ano, retomou-se a defesa da tese de uma maior produção deste combustível, em substituição ao açúcar destinado à exportação. Um estudo recente da Secretaria de Tecnologia Industrial (STI) do Ministério da Indústria e Comércio, busca demonstrar a viabilidade desta alternativa, considerando o preço atual de US$ 130,00 por tonelada de açúcar no mercado internacional. Segundo a STI, a cana empregada como matéria-prima na produção de uma tonelada de açúcar pode produzir 629 litros de álcool anidro que, no processo de mistura, substitui igual volume de gasolina, equivalendo a 3,96 barris, ao valor de US$ 189 (segundo o Banco Mundial um barril de álcool anidro tem um custo de US$ 47,70). Na hipótese de produção de álcool hidratado, obter-se-iam 667 litros, equivalendo a 556 litros de gasolina, já que este tipo de álcool tem um rendimento energético 20% inferior à gasolina, o que corresponderia a 3,5 barris, com um valor de US$ 167,00.

Uma medida desta natureza exige que se criem condições para a elevação da demanda pelo álcool, sob o risco de que se repita o problema de excesso de estoques, como ocorreu no momento de maior produção da safra passada.

Na presente safra, na região que corresponde aos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, os estoques de álcool atingiram o volume de 1,7 bilhão de litros na primeira quinzena de setembro. Embora tal volume não se constitua em um problema de maior gravidade, em função da atual capacidade de tancagem, demonstra a tendência ao acúmulo de estoques, que se manifesta nesta região e que costuma prolongar-se até dezembro.

No Nordeste, este problema não assume as mesmas proporções. Com uma capacidade de armazenagem de 930 milhões de litros, a demanda pelo álcool sofrerá, ainda nesta safra, um forte incremento, com a entrada em funcionamento de projetos de grande porte da indústria química, tais como a Salgema (Alagoas) e a Coperbo (Pernambuco).

Com a recuperação nas vendas de automóveis a álcool que, em setembro, totalizaram 22,8 mil unidades (contra 3,7 mil unidades em janeiro deste ano) e a manutenção do diferencial de preços entre este combustível e a gasolina, aumentam as possibilidades de que a produção de álcool hidratado seja quase que completamente absorvida pela atual frota de veículos movidos por este combustível. No tocante ao consumo do anidro, o esforço pela manutenção de um nível de mistura com a gasolina, de até 20%, parece atender à necessidade exigida pelo atual volume ofertado. O aumento para um coeficiente de mistura em torno de 25% não seria recomendável economicamente, tendo em

vista que reduziria o rendimento dos veículos.

A perspectiva de uma maior produção do etanol coloca, portanto, como condição anterior, não somente a garantia de que a venda de automóveis a álcool permaneça nos níveis atuais como, também, a necessidade de alargar suas atuais áreas de consumo. Cabe, assim, um maior empenho em viabilizar a substituição do diesel pelo álcool em utilitários leves, o incremento da utilização do álcool na indústria química e sua penetração em novos mercados no exterior.

Cabe registrar, então, que as perspectivas quanto ao desempenho do mercado internacional do açúcar durante a presente safra mostram-se sombrias. As mais recentes estimativas, da corretora alemã F. O. Licht, acerca da safra anterior — 1981/82 — dão conta de uma produção recorde de 99,3 milhões de toneladas (demerara), enquanto que o consumo não ultrapassou 90,4 milhões de toneladas. Com estoques finais de 33,4 milhões de toneladas, equivalentes a 36,3% do consumo, o mercado açucareiro sofreu forte desestabilização, caindo o preço médio mensal do produto, calculado pela Organização Internacional do Açúcar (OIA), de US¢ 11,65 por libra-peso, em setembro do ano passado, para US¢ 5,77/libra-peso, em setembro do ano corrente.

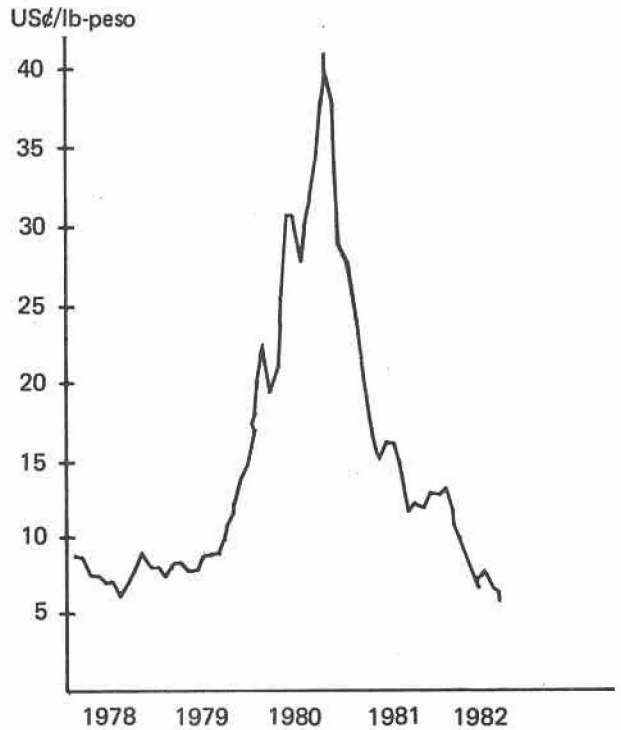
Ainda que fatores externos ao mercado, como a conjuntura mundial recessiva e as taxas de juros proibitivas, desestimulem os países importadores a formarem estoques, não há dúvida de que o elemento determinante na derrubada dos preços do açúcar é o extraordinário crescimento da oferta de alguns dos principais países produtores. A confrontação dos Gráficos 1 e 2 demonstra a estreita relação entre o comportamento dos preços e o balanço entre a oferta e a demanda no mercado internacional do produto, nos últimos cinco anos.

Com base nas estimativas atualmente disponíveis sobre a safra 1982/83, avalia-se que a configuração baixista do mercado manter-se-á inalterada, na próxima estação. Segundo as primeiras previsões divulgadas por F.O. Licht, a produção européia está estimada em 30,965 milhões de toneladas, ou seja, apenas 2% abaixo do total obtido na safra anterior. Embora a Comunidade Européia tenha reduzido sua área plantada de beterraba em quase 11%, as boas condições climáticas permitem prever a repetição de elevados níveis de produtividade, com uma produção estimada em 14,14 milhões de toneladas (12% abaixo da grande safra do ano passado). No entanto, os efeitos desta redução de área poderão ser compensados pelo crescimento da produção soviética, prevista em 7,7 milhões de toneladas, o que corresponde a um acréscimo de 24% sobre o resultado da safra 1981/82.

Em relação aos principais produtores de açúcar de cana, as perspectivas apontam para a obtenção de grandes safras na atual temporada. Cuba, por exemplo, poderá repetir o excelente desempenho de sua última safra, quando produziu 8,2 milhões de toneladas. Almejando uma produção de 10 milhões de toneladas para 1985, este país vem investindo em uma série de projetos que têm como objetivo a elevação de sua produção. A Índia, por seu turno, mesmo que não atinja o volume recorde de 8,8 milhões de toneladas da safra passada, deverá obter, conforme as previsões, um resultado bastante expressivo. Também o Brasil, de acordo com o Plano de Safra da atual temporada, prevê um acréscimo de 10% em sua produção, o que corresponderá à obtenção

GRÁFICO 1

AÇÚCAR: Cotações no Mercado Internacional 1978 a 1982 — US¢/libra-peso



FONTE: OIA.

de 9,6 milhões de toneladas de açúcar bruto.

Neste quadro de excesso de oferta, o Acordo Internacional do Açúcar vem-se mostrando pouco efetivo. Tendo utilizado os instrumentos de que dispunha para reduzir a pressão de oferta dos países membros no mercado, o Acordo teve sua capacidade de interferência limitada, diante da ausência da CEE entre seus signatários. Uma adesão da Comunidade, em futuro próximo, parece improvável, na medida em que tal hipótese sofre acirrada oposição da França, responsável por quase um terço da produção total da CEE. Além disso, as negociações até aqui realizadas esbarraram na exigência da Comunidade de que o controle da produção e da exportação de adoçantes de milho fosse incorporado em um futuro pacto.

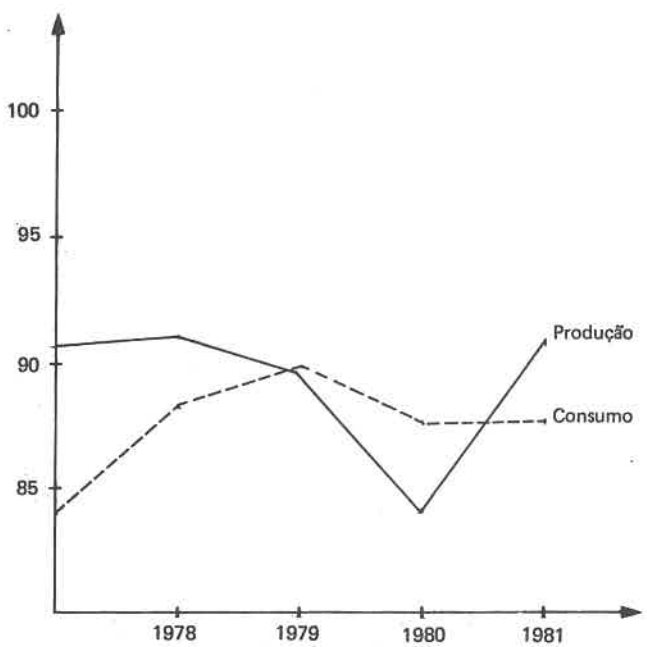
O que parece certo, é que qualquer política estabilizadora do mercado internacional será frustrada, enquanto perdurar o sistema de preços mínimos estipulado pela CEE, que paga aos seus produtores US¢ 28/libra-peso pelo açúcar de beterraba. Com a execução desta política, o preço do açúcar para os consumidores tornou-se extremamente elevado, o que fez baixar seu consumo interno nos últimos anos, ao mesmo tempo em que as exportações cresciam de 1,9 milhão de toneladas, em 1975, para 5,3 milhões, em 1981.

A formação de estoques extras, como ocorreu na temporada passada, ainda que ajude a reduzir o excedente disponível para exportação, não resolve o problema da superprodução. Caso a Comunidade decida exportar o volume de 1,7 milhão de toneladas estocado na última safra, o total de suas vendas poderá atingir 7 milhões de toneladas (incluindo 1,3 milhão de toneladas reexportadas dos países da África, Caribe e Pacífico — ACP) o que seria desastroso para o mercado.

Os Estados Unidos, por sua vez, como maiores importadores do mercado livre de açúcar, vêm exercendo uma política protecionista prejudicial ao equilíbrio do mercado. Esta política caracterizou-se, inicialmente, pela taxação sobre as importações do produto, fixada em US¢ 4,07/libra-peso para o demerara e US¢ 5,07/libra-peso para o refinado. Estas taxas sofreram um processo gradativo de redução, até ser eliminada a que incidia sobre o açúcar bruto, persistindo a taxação de US¢ 1/lb-peso para o tipo refinado. Em maio deste ano, foi também instituído o sistema de quotas de importação, como a principal medida de proteção à produção doméstica de açúcar. Com este sistema, as importações dos Estados Unidos sofrerão uma redução de 29% este ano, em relação ao total adquirido no ano passado.

GRÁFICO 2

AÇÚCAR: Produção e Consumo Mundial 1978 a 1981 — (milhões de t)



FONTE: OIA.

Ao buscar sustentar o preço interno do açúcar em US¢ 19/libra-peso, o protecionismo norte-americano favorece sobretudo a produção de adoçantes de xarope de milho, em especial o HFCS (**High Fructose Corn Syrup**), na medida que torna o preço deste adoçante competitivo em relação ao preço do açúcar de cana ou de beterraba. Detendo 32% do consumo, os adoçantes de milho vêm recebendo um grande estímulo, em função da grande produção do cereal nos Estados Unidos.

As exportações brasileiras sofreram forte impacto com a instituição do sistema de quotas norte-americano, haja vista que os Estados Unidos vinham ocupando, até então, a primeira posição enquanto compradores do açúcar demerara. A

quota brasileira, de 435 mil toneladas, representa, assim, um decréscimo de 54% sobre o volume exportado no ano passado para aquele país. Embora o Brasil esteja buscando conquistar espaços para suas exportações, ao negociar açúcar refinado para novos mercados na África e no Oriente Médio, estas vendas vêm-se tornando mais onerosas, em função de maiores custos com os fretes.

O conjunto de dificuldades que afeta o mercado açucareiro não permite uma previsão otimista quanto ao resultado das exportações brasileiras, em 1982. Ainda que o país venha obtendo um preço em suas vendas superior à cotação média das bolsas de Nova Iorque e Londres — o que pode ser atribuído aos contratos de longo prazo fechados anteriormente — o valor total de suas exportações deverá ser substancialmente inferior ao obtido no ano passado. Até agosto último, o Brasil vendeu 1,22 milhão de toneladas, arrecadando US$ 315 milhões, o que faz supor que, no último quadrimestre do ano, serão embarcadas mais 1,5 milhão de toneladas. A recente medida tomada pelo IAA, no sentido de suspender as vendas externas do produto, por tempo indeterminado, não repercutirá sobre o volume exportado neste ano, uma vez que a quota de exportação brasileira, para 1982, já está contratada em sua totalidade. Como as cotações caíram a um nível inferior a US$ 130/t, em setembro, tudo indica que o preço médio das exportações brasileiras não ultrapassará US$ 180/t no período restante. Assim, o valor das exportações brasileiras de açúcar, em 1982, deverá ficar pouco acima de US$ 550 milhões (FOB). Tal resultado caracterizará este ano como um período de elevada gravosidade para as exportações de açúcar. Com efeito, com um custo interno de produção calculado em US$ 350/tonelada, o açúcar exportado receberá, em média, um subsídio em torno de US$ 150/tonelada.

Igualmente adversa é a situação das exportações de álcool. Enfrentando baixas cotações no mercado internacional — inferiores a US$ 60 por barril — e sofrendo, ainda, os efeitos da imposição pelos EUA da sobretaxa de US$ 0,20 por galão, as exportações no presente ano deverão ficar aquém dos 180 milhões de litros vendidos no ano passado.

Também o melaço apresentará resultados insignificantes no tocante a suas vendas para o exterior. Em função da excelente safra de beterraba, o Mercado Comum Europeu passou de importador a exportador de melaço, deprimindo as cotações que, em dezembro de 1980, eram de US$ 140/tonelada, para uma média aproximada de US$ 50/t no atual período. Em vista disso, as unidades produtoras têm optado pelo emprego do mel residual como matéria-prima para a produção de álcool.